

## **Del lector ingenuo hasta el lector crítico: la ascesis del héroe**

### **From Naive Reader to Critical Reader: A Hero's Asceticism**

**Antônio Jackson de Souza-Brandão, São Paulo, Brasil**

**Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP)**

[jackbran@gmail.com](mailto:jackbran@gmail.com)

**Geraldo Gomes-Brandão-Júnior, São Paulo, Brasil**

**Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP),**

[ggbran@gmail.com](mailto:ggbran@gmail.com)

*Fecha de recepción: 5 de mayo 2016*

*Fecha de recepción evaluador: 10 de junio de 2016*

*Fecha de recepción corrección: 15 de julio de 2016*

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo discutir, desde un punto de vista interdisciplinar, como el romance Douglas e o Livro de Luz (Douglas y el Libro de Luz) de Jack Brandão al abordar el ascetismo del héroe hacia el conocimiento del mundo y de sí mismo – a través de la investigación y el pensamiento racional del mundo que le rodea – puntea la transformación del lector acrítico y dogmático a uno no crítico y no dogmático. De este modo, para que sea posible tal transformación, la ruptura con los conceptos preestablecidos y preconcebidos es indispensable. Por lo tanto, con referencia a la ruta tomada por los personajes de la tríada en su lucha contra sus antagonistas, los representantes de las dificultades del héroe hacia su objetivo, su viaje se pueden comparar con la saga de otros héroes arquetípicos.

**Palabras claves:** Douglas E O Livro De Luz, Héroe, Lectura Crítica, Transformación Pedagógica, Interdisciplinaridad.

## Abstract

This article aims to discuss, from an interdisciplinary point of view, such the Jack Brandão's work *Douglas e o Livro de Luz* (Douglas and the Light's Book) when addressing the asceticism of the hero towards the knowledge of the world and yourself – through research and rational thinking of the world around him – presents the transformation of uncritical, dogmatic reader to a non-critical and not dogmatic. So, for such this transformation, it is essential and indispensable to break with pre-established concepts and preconceived. Thus, with reference to the path taken by characters triad in their struggle against their antagonists, representatives of the difficulties of the hero towards his goal, his journey can be compared to the saga of other archetypal heroes.

**Keywords:** Douglas And The Light's Book, Hero, Critical Reading, Educational Transformation, Interdisciplinary.

## Introdução

Para que compreendamos um texto, unificando as partes do todo que o compõe, como seus fios, muitas vezes, emaranhados, é fundamental uma postura de desconfiança prévia daquilo que se tem diante dos olhos. Temos, muitas vezes, de nos ater a pequenos pormenores que, apenas na aparência, parecem irrelevantes; pois, só dessa maneira, vamos enxergá-los com mais clareza.

Há, além disso, a questão do amadurecimento do leitor e de sua ascese – no sentido de esforço e disciplina, que o levará de alguém acrítico para crítico –, cuja ação determinante tem de passar pela pesquisa, pelo estudo; e, principalmente, pela atitude de desconfiança, mesmo em sua, aparente quase sempre, interpretação. Isso porque pontos de vista mudam e, numa atitude de despojamento, na qual teremos de deixar de lado nossos pré-conceitos, muitos dos quais sem termos sequer total consciência. (Morin, 2002)

Assim, diante de um texto, devemos ter a certeza absoluta de que a própria certeza absoluta que emana dele é ilusão e erro (Morin, 2002); pois, agindo dessa maneira, tornamo-nos mais abertos a múltiplas leituras, seja de textos verbais, seja dos não-verbais, a fim de fugirmos das cadeias dogmáticas interpretativas da certeza.

Estas são as ideias presentes na obra *Douglas e o Livro de Luz* que abordaremos neste artigo: a importância das múltiplas leituras de textos diversos e a ascese do leitor dogmático para um que seja crítico, desconfiado; o mesmo que está, de uma forma ou outra, representado, na narrativa, pelas atitudes assumidas por algumas das personagens da trama.

O processo de descoberta do conhecimento e o percurso para se chegar a ele, empregados por Douglas e por seus amigos, lembram os caminhos percorridos por antigos heróis, como os descritos por Joseph Campbell (1991), em seu livro *O poder do mito*, fundamentado pelo pensamento da psicologia analítica de Carl Jung. O protagonista e seus companheiros de busca assumem, desta forma, uma nova postura crítica, a não dogmática, inspirados por alguns professores na sala de aula, enquanto tentam desvendar um enigma; e, ao fazê-lo, crescem.

## Leituras do entorno de um herói

O livro lança-nos, inicialmente, a uma situação de perplexidade na qual um garoto, ao iniciar seu ano escolar, depara-se com um professor de história que instiga seus alunos a conhecerem o passado e a história, incitando-os a começar essa busca em seu próprio passado, a partir de suas próprias famílias.

O espanto origina-se na quebra de certo equilíbrio existente na vida das personagens, a partir do rompimento da rotina pedagógica, uma vez que Lincoln, o professor de história, para ensinar sua disciplina, remete os alunos ao próprio histórico familiar, individual e imagético, propondo-lhes que procurem conhecer-se a partir dos álbuns de fotografia de suas próprias famílias. Remete-os, desta forma, a uma internalização, a uma procura prévia pelo conhecimento, a partir da leitura do cotidiano-passado registrado nas fotografias. Eis, desta forma, o espanto: a fuga pedagógica do usual, do tradicional, o que desarma os alunos, especialmente Douglas.

Começa aqui a caminhada de um alguém que possui como maior referência, a memória histórica familiar, concretizada no contato, lembranças e mistérios de sua avó, além de poucas fotografias. Os passos de Douglas, incertos ainda, lembram os de um herói clássico em busca de sua própria aventura. Inicia sua jornada semelhante à circunvolução junguiana representada pela figura 1, pois fora chamado e despertado à aventura por seu professor, e segue seu destino, sua saga.

O herói está estabelecido, mas seu percurso final ainda é incompleto, já que o Livro de Luz, como um portal, remete-o a outras aventuras ainda a serem traçadas. Os elementos inerentes ao herói aparecem na trama de forma difusa. Douglas segue, desta forma, os passos descritos por Jung como um processo de individualização e internalização no qual o crescimento seria fruto e semelhante ao eterno retorno: ele é chamado à aventura, confronta-se com seus oponentes (na obra, os adeptos do dogmatismo contrários à luz, à claridade, à ciência, à pluralidade interpretativa do texto), é provado, recompensado, transforma-se e ajuda a transformar amigos que estão ao seu lado, uma vez que a narrativa é coletiva, volta à vida comum junto de sua avó, e reinicia um novo caminho, uma nova saga, uma nova gesta a ser escrita.

Figura 1. Circunvolução ou O Retorno do herói



Por aquilo que deveria ajudá-lo. Esta relação quiasmática inverte-se, pois Bianchi/Branco representa, no romance, as forças que querem impedir Douglas de chegar a sua ascense; já que este é quem sai da escuridão.

Douglas, instigado pela educação, aquela que, segundo Morin (2002), deveria educar para a incerteza, inicia seu percurso. Uma leitura com maior acuidade permite-nos observar que o herói, seguindo o pensamento junguiano representado pela máxima “até onde conseguimos discernir, o único propósito da existência humana é acender uma luz na escuridão da mera existência” (grifo nosso), percorre um caminho que, poderíamos afirmar, é destinado à claridade, à luz, semelhante ao de Dante Alighieri em sua Divina Comédia, cujo percurso, no Paraíso, é coroado pela visão beatífica da Rosa celeste; palavra, por sinal, repleta de significações.

A palavra Rosa, além de substantivo comum, na obra Douglas e o Livro de Luz também é empregada como nome próprio; e, como outros antropônimos, parecem prenunciar ações de personagens que ajudarão o protagonista em seu percurso. Este auxílio terá como resultado sua ascensão como herói, quando sai de um universo repleto de incertezas e chega a outro, mais claro e racionalista.

Maíra, por exemplo, do tupi *Mahyra*, foi um herói mítico civilizador, “autor do primeiro ato civilizatório, ao roubar o fogo dos urubus e entregá-lo aos homens” (Laraia, 2005, p. 13) e pai de Kwarahi e de Yahy (Sol e Lua, ambos do gênero masculino). Os tupis do litoral brasileiro, no século XVI, associaram os navegantes europeus, brancos, ao herói, daí o termo “maíra”, que pode significar “branca”. Convém salientar que o nome

também possui uma profunda ligação com a luz: fogo, Sol e Lua. Tal ideia aproxima-se de Luciano, do latim *lux*, mais precisamente de seu genitivo *lucius*, “da luz”. Em ambos, como é possível observar, temos referências explícitas à claridade, ao brilho, à luz.

O nome do professor de história, Lincoln, teria sua origem em *Lindum Colonia* (*Colonia Domitiana Lindensium*, antes de 96 AD), latinização do topônimo do antigo céltico – costume romano, desde que pudessem pronunciar – *Lind(um)* = *Lin* (lago) e *du* (preto, escuro) que se referia a uma localidade surgida às margens de um lago no rio Withan, na Inglaterra (Cf.: Wachter, 1975). Inicialmente, parece não haver relação alguma entre esse nome com os demais que vimos, mas evoca a figura arquetípica da água, essencial em nossa análise.

Além dos protagonistas, o nome de um dos antagonistas, Bianchi, também possui referência à claridade, já que se refere à cor branca. Teremos, entre ele e Douglas, não só um embate entre visões de mundo, mas também, em seu bojo cromático, uma luta arquetípica entre cores, o claro e o escuro: o nome Douglas, semelhante a Lincoln, liga-se etimologicamente à água, a rio: do antigo gaélico, *Dubhglas* = *Dubh* (preto, escuro) e *glas* (rio, água), cuja cor evoca a escuridão.

Convém salientar que todos estes nomes tornam-se importantes uma vez que seus possuidores, Maíra, Luciano e Bianchi (este por ser um dos obstáculos a ser ultrapassado), auxiliarão o herói a ascender de zonas inconscientes, profundas e escuras (água como sinônimo de inconsciente) (Campbell, 1991) à claridade, à luz, ao autoconhecimento pela razão. Lincoln, aquele que também é ligado ao arquétipo da água, do inconsciente, ao propor ao herói o resgate da memória de sua família, leva-o ao início de sua jornada:

A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida (Campbell, 1991, 138).

Douglas inicia sua jornada para buscar e buscar-se. Sua ascensão tenderá a desconstruir o imobilismo e o estaticismo, carregando consigo outros, em uma nova forma de ver o mundo.

## A busca do herói lido

Se pensarmos no final do livro e sua abertura para uma nova história, veremos que Douglas parece ser um herói incompleto, pois sua jornada fecha-se ao alcançar seu prêmio, sua iluminação, ao decifrar e atingir o Livro de Luz, vencendo seus oponentes,

com auxílio de seus amigos; porém, a circunvolução ocorrida inicia mais um ciclo, em um eterno retorno.

Sua história é, inicialmente, isolada e ele parece ser destinado a viver uma vida simples, junto de sua avó, Rosa, guardiã de suas raízes e mistérios, já que Douglas é órfão e desconhece as histórias de sua família. Como herói, seu percurso não é, e nem poderia ser solitário, pois o ato heroico só teria sentido se associado à ideia do ser coletivo.

Há um motivo, o algo que está faltando, o sentido de incompletude que o impele a sair de seu universo, buscar e encontrar aquilo que estaria perdido para ele, ou seja, seu passado, suas origens e raízes familiares, despertadas pelo simples perguntar de seu professor de história Lincoln. Para que este despertar tenha ocorrido, é fundamental

Haver, no espírito deste jovem, a necessidade da busca, não só de suas raízes, mas do conhecimento. Sua escolha e, posteriormente, sua transformação, ajudarão não só a resgatar seu passado, mas também o de seus amigos, o que ocorre mais intensamente em Luciano.

Dessa maneira, o objeto de sua procura, seu novo Graal, sua demanda, deixa de ser “sua” e passa a ser “a” busca coletiva, auxiliada por Maíra e Luciano. A personagem transforma-se, dessa forma, em um símbolo no qual o leitor tende a se projetar. Sua ascese, ou melhor, aquilo que seria somente a descoberta de seu passado, o resgate de seus laços familiares, transforma-se na descoberta da importância do próprio conhecimento.

Da mesma forma, nós enquanto leitores, embarcamos juntos com ele e também somos impelidos a nos relacionar com o conhecimento, a ponto de enxergarmos como a leitura e a interpretação de quaisquer tipos textuais podem nos auxiliar, enquanto leitores, a assumir um caráter investigativo em meio ao processo de leitura; renunciando, destarte, a qualquer postura dogmática.

Como teria ocorrido esta transformação, esta ascese? Há um forte elemento mítico que, constantemente, orienta os passos do herói por intermédio do sonho. Neste, há a constante intervenção de Godofredo que, semelhante ao amorfismo arquetípico, assume várias formas que aparecem nos sonhos do protagonista, seja como animais (morcego, cavalo, leão), seja como árvore, seja como figura espelhar do próprio protagonista. Há, dessa maneira, a vinculação da história de Douglas e de sua saga à intervenção do mítico, do sagrado.

Godofredo assume, de certa forma, ares de paradoxo (não só ele, mas outros no decorrer da narrativa); isso porque, se partirmos do significado de seu nome, “Paz de Deus” –do antigo alto alemão *Godafrid* (FÖRSTERMANN, 1856, p. 533-534) (*God*>*Gott* - Deus) e *frid* (*frid*>*Frieden* – paz) – e do lugar-comum daquilo que se acredita ser a paz,

Douglas seria remetido à imobilidade, à estaticidade, ou seja, àquilo que se acredita ser a paz: uma mera atitude “contemplativa”. Verifica-se, no entanto, justamente o contrário.

Interessante perceber que Jesus ressuscitado, quando aparece a seus apóstolos amedrontados após a crucificação de seu Mestre, falou-lhes repetidas vezes: “A paz esteja convosco!” (Jo 20, 19; 21; 26, grifo nosso). Isso pressupõe que a paz cristã não deva levar, necessariamente, à letargia, a uma mera vida meditativa, mas arremeter-nos para fora de nós mesmos, assim como fizeram aqueles homens, impelidos a aventurarem-se no mundo, a sair de seu sopor e de seu pequeno mundo, circunscrito à Judeia romana.

Assim, muitas vezes aquilo que aparenta ser o que não é, não passa de uma mera sombra:

Mas, por que se teima em idealizar as pessoas, tornando-as naquilo que na realidade não são? Quem se frustra mais com esses rótulos? Aqueles que nem sabem que o são, ou aqueles que insistem em fazê-lo para depois ter de descobrir que o outro era muito menos que uma sombra do que se idealizou? (Brandão, 2015, p. 304, grifo nosso). Por isso que, diante da presença do sagrado e sua intervenção onírica, Godofredo ensina a Douglas que Temos de estar abertos para ler o mundo que nos cerca: o sol que nasce todos os dias, a chuva de que necessitamos, a noite escura que faz com que durmamos... tudo tem um motivo de existir, nada é à toa [...]. (*ibidem*, p. 81, grifo nosso).

Ao se dizer que “temos de estar abertos para ler o mundo”, entramos na senda do relativismo. Godofredo, desta forma, não impõe sua visão e permite o emprego do livre-arbítrio do outro. Agindo, dessa maneira, acaba por conduzir Douglas, associando-se, de certa forma, a outros professores presentes na narrativa, numa alusão pedagógica do autor que nos remete à postura de Francisco Wefford (1967) em um capítulo que inicia o livro *Educação como Prática da Liberdade* de Paulo Freire:

A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos (Wefford, 1967, p. 4).

Douglas é, de fato, livre. Talvez esteja apenas preso a sua necessidade de respostas que o levem a sua saga, não sem conflito; presente, várias vezes, no embate direto com Bianchi e Jônatas. Este preso que está a interpretações fechadas de ideias e textos dogmáticos; aquele, também preso, mas a si mesmo.

Há um conflito entre o fechar-se ao dogmatismo ou permitir novas leituras de uma mesma realidade. Aparentemente, o que poderia parecer uma simples discussão acadêmica a respeito das teorias criacionista e evolucionista, nas aulas da professora de biologia, Xênia, torna-se um embate científico: Douglas não se fecha, de forma dogmática, em seu próprio mundo, nas ideias contidas na Bíblia a respeito da criação do

homem; mas, sem questionar sua importância, abre-se à possibilidade de múltiplas leituras de um texto que, sendo sagrado, não deixa de ser igualmente poético:

— Lembra quando a gente estudou Adão e Eva, por exemplo? Não dá pra dizer que tudo aquilo seja uma simples mentira, alguma coisa inventada há muitos anos, mas uma forma diferente de ver o mundo e o próprio homem, poética e metafórica, ou uma forma de dizer: Deus fez o mundo! ... Como? Quando? Quem é o homem para saber? Estava pensando, esses dias, em quantas palavras e ideias são usadas pelas pessoas para explicar aquilo que elas próprias não conseguem entender... (Brandão, 2015, p. 437, grifo nosso).

Morin (2002), por sua vez, aconselha que, para o educador do futuro, é fundamental a incerteza perante a certeza absoluta e dogmática. Assim, o choque de opiniões entre os colegas sai da aparência e passa a ser essência, com uma pergunta implícita ao leitor: e nós, qual a postura que teremos perante as verdades tidas como absolutas?

Os embates ocorridos na saga do jovem Douglas auxiliam a compreensão da multiplicidade de leituras, pois o retorno ao passado passa a ser pretexto para uma ascense, já que, como herói, seu destino está, em termos, traçado: o de apropriar-se do conhecimento, da ciência, e da razão, metaforicamente representados no livro como a luz do Livro de Luz.

O herói desenvolve-se e cresce; não de forma solitária, pois não vive em um círculo fechado no qual ficará abandonado, mas assume, acima de tudo, uma atitude que o conduz ao coletivo já que.

Ninguém acende uma lâmpada para escondê-la debaixo de uma vasilha ou colocá-la debaixo da cama; ela é posta no candelabro, a fim de que os que entram vejam a claridade. Ora, nada há de escondido que não venha a ser descoberto. Nada há de secreto que não venha a ser conhecido e se tornar público. (Lc 8, 16,17)

Não à toa o que está escondido passa a ser pesquisado, procurado, discutido e absorvido pelos jovens Douglas, Maíra e Luciano. Criam um grupo de pesquisa cujo nome – “Sorvedores do Saber” – também é significativo, pois “sorver” significa “beber aos poucos, absorver, impregnar-se”, justamente o que os jovens “sorvedores” – não o provável termo “sabedores” – fazem em seu clube/grupo de estudo-pesquisa: ali a ciência e o conhecimento são absorvidos aos poucos durante a narrativa, o que facilita não só a aprender, mas a apreender o que estudavam; e, depois dessa “ruminação”, tenderiam a manter esse conteúdo para si: este seria absorvido e os absorveria, quer na biblioteca quer na escola.

Tem-se, assim, mais que um clube, mas um pequeno laboratório, com postura científica, realizada por garotos em sua ascense coletiva. Douglas e o Livro de Luz foge, dessa forma, do simples ato de narrar para enredar-se pelo pedagógico-científico.

## Pequeno herói mítico da razão

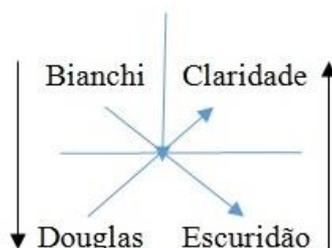
Godofredo, como uma figura tutelar (Jung, 2008, p. 145), assume o papel mítico de guia, de conselheiro, em relação a Douglas, semelhante a Atena/Mentor em relação a Telêmaco que também buscava, em seu pai, suas raízes; ou ainda Virgílio/Beatrice para Dante em sua caminhada no além mundo. O herói prepara-se, dessa forma, responsável e intencionalmente para realizar sua proeza (Campbell, 1991): de buscar, a partir do resgate imagético de sua família, sua própria luz.

Douglas transita entre o real e o imaginário. Ao extenuar suas forças e dormir, passa por revelações, quando a imagem simbólica profunda se mostra (Jung, 2008) e o impele ao prosseguimento de sua saga: a busca por sua origem passa a ser, desta forma, algo que sai do trivial, inspirado por uma simples aula de história, da mera busca por notícias de seu passado e de sua família; e transforma-se, pela ascense, na busca pela racionalidade.

Cresce, a partir desse instante, a presença forte do grupo antagonista a ser vencido, a provação suprema (fig. 3), parte do obstáculo à ascensão: Henrique Bianchi. Este carrega uma particularidade curiosa em seu nome, também evocador do branco, do claro, da luz, da razão, e que deveria, desta forma, associar-se positivamente à jornada do herói. O narrador joga com uma situação paradoxal, pois um dos opositores de Douglas (cujo nome remete à escuridão), é Bianchi (que remete à claridade).

O herói, Douglas, abandona a caverna de seu ser, sai de seu universo que simboliza, arquetipicamente, a origem do homem (seu nome evoca água, escuridão; logo, o útero materno) e, ao sair de seu próprio eu, da escuridão, é impedido de encontro à luz por aquele, cujo nome evoca a própria claridade.

A atitude opositora de Bianchi, mesmo que sem profundidade e levada apenas pela inveja, lembra uma relação quiasmática que se confirma e confronta-se: o herói, impelido para fora de sua caverna, tem seu caminho obstaculizado



Este curioso jogo do autor, ao usar nomes opostos, reforça a ideia de que nem mesmo nomes estereotipados vão ao encontro de uma lógica narrativa esperada, conforme havíamos dito no início deste texto. Daí a necessidade de sempre se manter um espírito de desconfiança diante de uma mensagem qualquer, por meio de busca e de confirmação de seu conteúdo, relativizando a verdade contida nele. Caso contrário, corre-se o risco de prejudicar a mensagem: ou majorando sua informação; ou, minimizando-a: se de um lado, se se prende por antecipação a dogmas, postura esta contrária à ciência; por outro, não se dá importância àquilo que não se pode descartar, considerado supérfluo. Não à toa, Morin (2002) diz que se deve valorizar a importância de se estar aberto a interpretações, inclusive, na noosfera, algo constantemente lembrado por Douglas, Maíra e Luciano em suas conversas. O herói e sua saga ensina-nos a sermos também leitores críticos, pois

O leitor ingênuo é simplesmente ator. Quero dizer que, num folhetim ou num romance policial, procura o reflexo dos seus sentimentos imediatos, identificando-se logo com o protagonista ou herói do romance. Isto, aliás, se dá mais ou menos com qualquer leitor, diante de qualquer livro; de modo geral, nós nos lemos através dos livros (Meyer, 1947, pp. 11-13).

Leitores e leituras do texto e do herói:

Poder-se-ia afirmar que, dentre várias leituras a serem realizadas de Douglas e o Livro de Luz, uma delas é o de ser um romance científico-pedagógico e cuja leitura pode (e deve) ocorrer em vários níveis. A ascensão de Douglas pode ser encarada somente como representação do processo de amadurecimento do homem, a ruptura entre fases (infância/adolescência); ou, sob outra perspectiva, seus significados menos aparentes (e que exigem um olhar mais atento do leitor), como os nomes e símbolos presentes na narrativa, que nos dão outras pistas interpretativas, mais ligadas ao processo de leitura e de conhecimento da própria ciência.

O romance leva-nos à multiplicidade do olhar, à utilização de um tipo de pensamento multidimensional complexo (Morin, 2002) para que possamos compreender o texto, e no texto, o percurso arquetípico percorrido pelo herói.

A esse respeito fala-se de leitores ingênuos e de leitores críticos de um texto: o leitor ingênuo é aquele que atualiza a superfície linear do texto segundo as indicações fornecidas pelo próprio texto, com o intuito de extrair dele o sentido literal; o leitor crítico, porém, é o que tendo interpretado literalmente o texto, recorreu a seus elementos colaborativos para entender de que modo o texto os favoreceu (Volli, 2000, p. 152).

Há no livro um enigma, um mistério, importante para a própria narrativa, mas cujo foco passa a segundo plano se colocarmos os aspectos pedagógicos da obra, ou seja, a valorização da leitura e a transição/ascese do leitor acrítico para crítico e seu desenvolvimento como prioridade.

Douglas, Maíra e Luciano descobrem que uma imagem não é apenas uma mera representação, mas um texto a ser lido, o que fica claro no diálogo entre Godofredo e Douglas.

Chegue mais perto! Procure ler o que está escrito.

– Mas só vejo imagens...

– Quem disse que as imagens também não têm de ser lidas, meu caro?

– Nunca ninguém me disse isto...

– Mas é vivendo e aprendendo... meu caro! Venha, leia as imagens que você está vendo (Brandão, 2015, p. 80, grifo nosso).

Antes de atingirem seu Graal, os jovens devem aprender a ler textos, verbais e não-verbais, e a decifrar enigmas. O morcego não é mais um morcego; nem o cavalo, um cavalo; o mesmo podemos dizer de uma árvore; e, assim, podemos seguir de modo infinito. Tudo passa a ter uma outra significação. A multiplicidade de olhar e o pensamento complexo perante os textos a serem lidos fazem-se necessários para a desconstrução de um pensamento dogmático, acrítico, não científico. Uma ideia ou teoria não deveria ser simplesmente instrumentalizada, nem impor seu veredicto de modo autoritário; deveria ser relativizada (Morin, 2002) o que se torna mais viável a partir de uma nova aprendizagem e postura perante o texto e o processo de leitura.

Figura 2 O Jardim das Delícias Terrenas (parte/destaque )



Esta é uma das mensagens apreendidas pelo percurso de Douglas e seus amigos. Saindo do campo da noosfera, abordada por Morin, e extraindo os aspectos míticos da ascese, temos aspectos práticos. Ao professor, a abertura para um pensamento transdisciplinar; ao aluno, a aprendizagem de novas técnicas de leitura e estudo.

Para que não se perdessem em seus encontros [...] eles propuseram que todos anotariam tudo o que se discutisse em seus encontros. Assim, cada um deveria ter um caderno onde se escreveria tudo o que havia sido descoberto e discutido. [...]

Isso foi tão proveitoso que passaram a utilizar a mesma tática para estudar as matérias do colégio. Leitura, discussão em grupo, apontamentos de cada linha dos principais tópicos levantados (Brandão, 2015, p. 269).

O pedagógico impõe-se por intermédio de uma metodologia de estudo, de uma sistematização do conhecimento, a partir de uma necessidade aprendida (e apreendida) pelas personagens da história. Tal transformação também ocorre no processo de leitura de textos, já realizados com uma abertura que impediria, por parte deles, fechar-se no dogmatismo. Tendo esta nova perspectiva – a de uma leitura crítica de todos os tipos de textos que exija outra postura de seu leitor como ponto de partida –, poder-se-ia pensar a atitude de Douglas e de seus amigos, dividida em dois tempos distintos, também como uma ascese acrítica-crítica das personagens.

Ao se observar a imagem 2, sem seu contexto e na postura acrítica inicial de Douglas, Maíra e Luciano, sua leitura seria parcial, suave, tranquila e, por que não, idílica: é possível vislumbrar uma luz que emana da escuridão, além de pessoas que poderiam estar subindo, em uma, provável, elevação espiritual. Esta imagem, porém, é um fragmento que, enquanto parte, seria visto por muitos leitores, como o todo. Mas, se a

investigação do texto imagético se impuser cientificamente, como ocorreu na obra ora analisada, e se deslocarmos o foco de observação, ampliaremos nosso olhar diante do texto/quadro.

Assim, ao deixarmos respostas pré-estabelecidas de lado, perceberemos a relatividade de uma interpretação parcial, e nossa visão passa a ser outra. (figura 3). Ao se ampliar ainda mais a observação, veremos que nada há de angelical ou de idílico na imagem, já que a parte que compõe esse todo, à semelhança de um mosaico que só se enxerga a distância, refere-se ao inferno musical do Jardim das delícias terrenas, de Hieronymus Bosch.

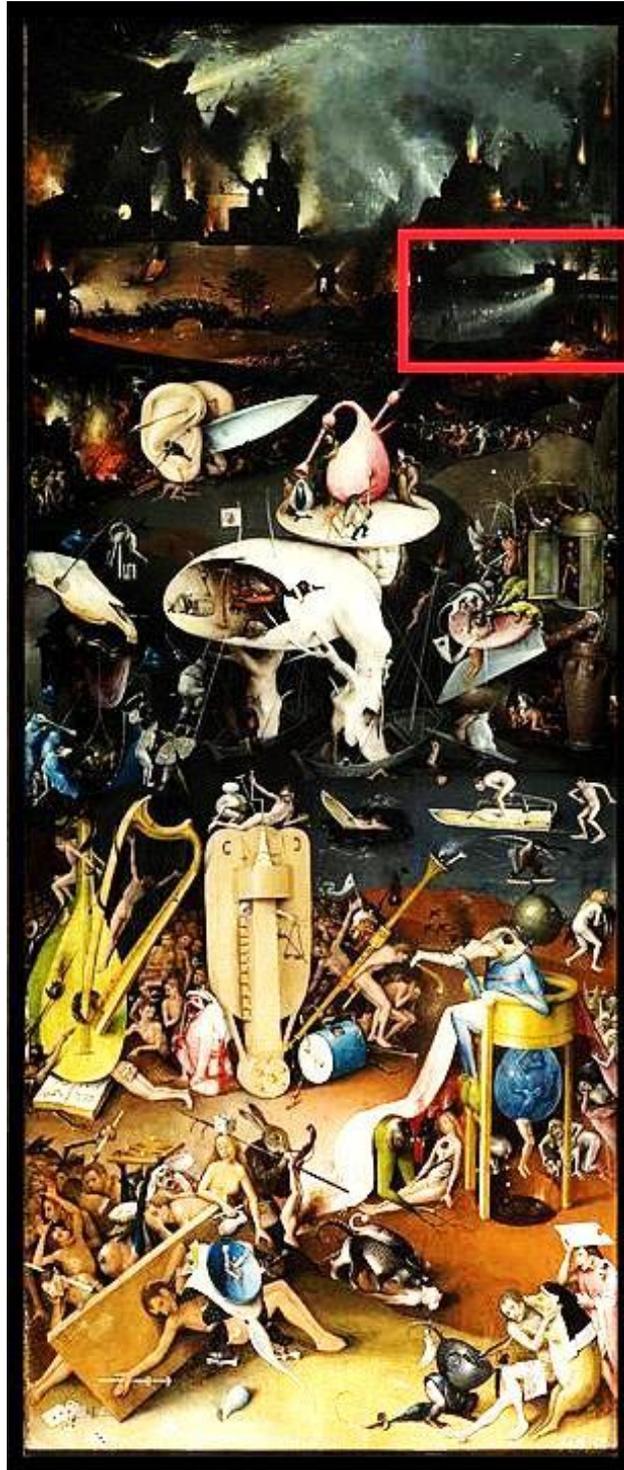
Dessa maneira, Douglas e Livro de Luz ao mostrar a atitude daqueles jovens ajudam-nos também a educar-nos nosso próprio olhar, já que. As imagens, enquanto realidades inseridas no mundo, continuam sendo aquilo que sempre foram – ou aquilo que acreditamos que sejam: mera arbitrariedade sígnica. Há, evidentemente, muita controvérsia quanto a isto, conforme mostra Gombrich, quando diz que a fotografia, por exemplo, não sendo réplica da realidade, será, na verdade, uma transformação visual [...] (Brandão, 2014, p. 178, grifo nosso).

**Figura 3 O Jardim das Delícias Terrenas (ampliação)**



Para que não sejamos leitores ingênuos, o que ocorria antes com os jovens protagonistas, temos de ir além do mero relance visual, acreditando que apenas esse seja suficiente para a compreensão textual; o mesmo vale para a fotografia; pois, ao lê-la, cada um a reinterpreta conforme sua subjetividade, imposta, muitas vezes, pela sociedade e pelos *mass media* que selecionam aquilo que devemos enxergar. É, portanto, para se evitar isso, que se ir além das aparências.

Figura 3 O Jardim das Delícias Terrenas (Inferno musical )



Como leitores, temos também de reunir fragmentos textuais/narrativos para compreendermos o todo. Morin (2002) alerta-nos para que nos desarmemos para uma

nova forma de ler, assumindo a postura de desconfiança. Ao professor, caberia **desconstruir** certezas em um mundo cada vez mais incerto, respeitando sempre o olhar da diferença. Esta leitura é, por exemplo, uma das contribuições pedagógicas presentes no livro. Em uma sala de aula, em uma discussão, o desnecessário, o fútil, relatado por alunos, pode ser elevado à condição de importante, de essencial. O percurso de Douglas ensina-nos isto: parte da escuridão, da caverna de seu ser, em -direção à razão, à luz, à ciência; não a dogmática, a positivista, mas àquela que, sem preconceitos, incorporaria outras formas do pensamento, numa atitude tipicamente interdisciplinar.

Para que não sejamos leitores ingênuos, o que ocorria antes com os jovens.

Campbell, ao descrever o percurso do herói, exemplifica-o com a personagem Hans Solo de *Guerra nas Estrelas*. Esta personagem poderia ser apenas mais uma de um filme de ação, em que num determinado contexto de sua história, está preso em um compactador de lixo. Ampliando a abordagem, poderíamos fazer uma comparação entre Hans Solo, o profeta bíblico Jonas, engolido pela baleia, e Douglas, encarados aqui metaforicamente. Os elementos presentes nas duas primeiras narrativas, o compactador de lixo e o grande cetáceo, representariam, arquetipicamente, o local de transformação do herói. (Campbell, 1991) Poderíamos compará-los com o próprio eu de Douglas que, ao tomar consciência de si, lança-se em sua saga.

Da mesma forma que a baleia de Jonas encontra-se em um ambiente aquoso, na água – que representa, de forma arquetípica o infinito –, o mesmo se passa com Douglas, cujo elemento está presente, etimologicamente, tanto em seu nome, quanto no do professor Lincoln. As águas, da qual parte o herói para sua saga, são escuras e turvas, por isso necessitariam das luzes de Maíra e Luciano para sua autoconsciência e para seguir sua jornada.

A mensagem contida na leitura abre-se a novas possibilidades, assume um caráter mais abrangente; necessitando, para ser realizada, de várias formas de pensamento científico. Esta necessidade de investigar, de pesquisar, de ter a humildade científica do “sei que nada sei” (*Ἐν οἷδα ὅτι οὐδὲν οἶδα*), de Sócrates, está presente no processo metódico (e metodológico) de Luciano e Maíra, ao pesquisarem (e usarem um método), a significação de determinados animais. O Livro de Luz passa a ser, portanto, um portal que também transportará o leitor de uma postura a outra perante o texto.

O saber deve primeiro ser refletido, meditado, discutido, criticado por espíritos humanos responsáveis (Morin, 2002) e, tal postura, faz-se mais clara quando a ciência valoriza, conjuntamente, o sujeito (*ego cogitans*) e o objeto (*res extensa*). Esta foi a atitude aprendida no percurso dos jovens ao realizarem pesquisas essenciais baseadas na reflexão e na discussão de ideias, contrapondo-as a ideias opostas.

Nos debates ocorridos na aula da professora Xênia, com a participação do professor Lincoln, a burocracia no pensamento de Jônatas refletiu-se na transformação do pensamento em que o sujeito (*ego cogitans*) e o objeto (*res extensa*) foram separados de tal forma que as ideias passaram a ser dogmáticas.

Que faz o herói, diante dessa postura? Une os dois elementos, não aceitando apenas o pensamento unívoco de Jônatas, amalgamando-o ao científico. Temos, desta forma, um conflito existente na obra: o herói(s) representaria(m) a importância em se ler a realidade de forma complexa, não unívoca, semelhante à visão da ciência formada por domínios científicos distintos que devem se comunicar entre si. (*ibidem*, p.138)

Esta comunicação, este olhar múltiplo e transdisciplinar perante um mesmo objeto foi essencial para que Douglas, auxiliado por seus amigos e professores – estes como representantes das ciências (história, física, artes e biologia) –, encontrasse o Livro de Luz e se preparasse para sua nova jornada, uma nova etapa na sua construção como herói.

### Considerações finais

Douglas e o Livro de Luz remete-nos a uma viagem, a uma ascese, a uma transformação. Deve haver, durante e após sua leitura, uma postura de desconfiança. Perante aquilo que parece óbvio, ou seja, a necessidade de que façamos uma leitura desconfiada, que analisemos o texto e o pensemos de outra forma, o que parece lógico a quem já comunga destas ideias, porém não podemos esquecer que o livro trata-se de um romance a ser lido por vários níveis de leitores. Há, nele, relações narrativas, típicas de um simples romance, há relações arquetípicas mais elaboradas, há uma parcela pedagógica, com discussões metodológicas a serem incorporadas nas salas de aula e discussões acadêmicas, envolvendo a postura perante a ciência, o conhecimento e a imagem.

A obra é múltipla e, como tal, pode ser lida dessa maneira. Ela só exige algo de qualquer leitor: que não haja indiferença perante a ciência e perante o conhecimento, nem se permite apelos ao preconceito intelectual. A ascese de Douglas pode ser encarada como a de muitos que, ao saírem das águas escuras, da caverna escura, do interior da baleia, assumiram uma nova postura frente o conhecimento e caminham para sua própria ascese. Assim, Douglas e o Livro de Luz passa a ser um pretexto para uma mudança de postura, mais aberta e menos dogmática.

### Bibliografía

Alighieri, D. (2010). *A Divina Comédia*. Tradução de Italo Eugenio Mauro. (2. ed.) São Paulo: Editora 34.

Brandão, J. (2015). *Douglas e o Livro de Luz*. 2. ed. Embu Guaçu: Lumen et Virtus.

- \_\_\_\_\_ (2014). “As camadas sígnicas das imagens: leituras iconológicas”. In: *Apontamentos imagético-interdisciplinares: as artes iconológica, pictográfica e literária*. Embu-Guaçu: Lumen Et Virtus.
- Campbell, J. (1991). *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.
- “Colonia Domitiana Lindensium – Lindum”. Disponível em <<http://www.roman-britain.org/places/lindum.htm>>, acessado em 05 maio 2015.
- Dottin, G. *La langue gauloise: grammaire, textes et glossaire*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1920. Disponível em: <<https://archive.org/details/lalanguegauloise00dottuoft>>, Acesso em: 13 jul. 2015.
- Freire, P. (1967). *Educação com prática da liberdade*. São Paulo: Rio de Janeiro,.
- Förstemann, E. (1856) *Altesdeutsches Namenbuch*. Nordhausen: Verlag von Ferd. Förstenmann.
- Galgani, F. (2005). *Onomastica Maremmana: I nomi dei cittadini di Massa Marittima e dell'Alta Maremma dal Settecento ai giorni nostri*. (Etimologia, storia, significato, distribuzione, dati statistici locali e nazionali di oltre 5000 forme nominali). Massa Marittima: Centro Studi Storici «A. GABRIELLI»,.
- Jung, C. G. (2008). *O Homem e seus Símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Laraia, R. B. (2005). “As religiões indígenas: o caso tupi-guarani”. In *Revista USP* (nº 67). São Paulo.
- Meyer, A. Do Leitor. In: MEYER, A. *À sombra da estante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. p. 11-13. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=293&sid=175>>. Acesso em: 08 jul. 2015.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 6ª. ed. São Paulo: Cortez,.
- Volli, H. (2000). *Manual de Semiótica*. São Paulo: Loyola.
- Wacher, J. S. (1975). *The Towns of Roman Britain*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, p. 120-137.
- Weffort, F. C. (1967). “Educação e Política (Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade)”. In: FREIRE, P. *Educação como Prática da Liberdade*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.